

RICARDO ALEXANDRE PAIVA E BEATRIZ HELENA NOGUEIRA DIÓGENES

Paulo Casé e a produção de hotéis (trans)modernos no Brasil

Paulo Casé and the production of (trans)modern hotels in Brazil

Paulo Casé y la producción de hoteles (trans)modernos en Brasil

Ricardo Alexandre Paiva

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Ceará (1997), mestrado (2005) e doutorado (2011) em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Realizou o Pós Doutorado (2019) com Bolsa de Professor Visitante Junior da CAPES, junto ao IST-Universidade de Lisboa - Portugal e no DOCOMOMO International. É Professor Associado do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq, Coordenador do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design da UFC - PPGAU+D-UFC (2015-2018) e (2021-2023). Coordena o LoCAU (Laboratório de Crítica em Arquitetura, Urbanismo e Urbanização) do DAUD-UFC. Atua como líder do grupo de pesquisa LoCAU - UFC e como integrante do CILITUR (Cidades Litorâneas e Turismo) do MDU-UFPE, cadastrados no CNPq. É pesquisador do LABCOM (Laboratório de Comércio e Cidade) da FAUUSP. É Membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS-BRASIL) e do DOCOMOMO International. Exerce o cargo de Conselheiro Fiscal no DOCOMOMO Brasil (2022-2023) e é um dos editores da Revista DOCOMOMO Brasil.

Architect and Urbanist from the Federal University of Ceará (1997), master (2005) and a Phd (2011) in Architecture and Urbanism from the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP). He was a Junior Visiting Professor with a CAPES scholarship at IST-UL - Portugal and DOCOMOMO International - Pos Doc (2018-2019). He is Associate Professor at Architecture and Urbanism and Design Department at the Federal University of Ceará (DAUD-UFC), Research Productivity Fellow - CNPq and Coordinator of the Graduate Program in Architecture and Urbanism and Design at UFC - PPGAU+D-UFC (2015-2018) and (2021-2023). He coordinates the LoCAU (Laboratory of Critics in Architecture, Urbanism and Urbanization) of the DAUD-UFC. He acts as leader of the research groups LoCAU and member at CILITUR (Coastal Cities and Tourism) of the MDU-UFPE. He is a researcher at LABCOM (Commerce and City Laboratory) of FAUUSP. He is a member of the International Council on Monuments and Sites (ICOMOS-BRAZIL) and DOCOMOMO International. He holds the position of Fiscal Councilor at DOCOMOMO Brasil (2022-2023). He is a member of the Editorial Board of Revista DOCOMOMO Brasil.

Arquitecto y Urbanista por la Universidad Federal de Ceará (1997), Máster (2005) y Doctor (2011) en Arquitectura y Urbanismo por la FAUUSP. Realizó su Post Doctorado (2019) con una Beca CAPES de Profesor Visitante Junior, en el IST-Universidade de Lisboa - Portugal y en DOCOMOMO International. Es Profesor Asociado del Curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Ceará, Becario de Productividad de Investigación 2 del CNPq, Coordinador del

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo y Diseño de la UFC - PPGAU+D-UFC (2015-2018) y (2021-2023). Coordina el LoCAU (Laboratorio de Crítica en Arquitectura, Urbanismo y Urbanización) del DAUD-UFC. Es el líder del grupo de investigación LoCAU - UFC y miembro de CILITUR (Ciudades Costeras y Turismo) del MDU-UFPE, registrado en el CNPq. Es investigador del LABCOM (Laboratorio de Comercio y Ciudad) de la FAUUSP. Es miembro del Consejo Internacional de Monumentos y Sitios (ICOMOS-BRAZIL) y de DOCOMOMO Internacional. Ocupa el cargo de Consejero Fiscal en DOCOMOMO Brasil (2022-2023) y es uno de los editores de la Revista DOCOMOMO Brasil.

ricardopaiva@ufc.br

Beatriz Helena Nogueira Diógenes

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Ceará (1978), mestrado (2005) e doutorado (2012) em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Realizou o Pós-doutorado (2019) na FAUUSP. É Professora Associada do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design da UFC - PPGAU+D-UFC. Integrante do LoCAU (Laboratório de Crítica em Arquitetura, Urbanismo e Urbanização) do DAUD-UFC e do CILITUR (Cidades Litorâneas e Turismo) do MDU-UFPE, cadastrados no CNPq.

Architect and Urbanist graduated from the Federal University of Ceará (1978), with masters (2005) and Phd (2012) in Architecture and Urbanism from the Institute of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP). Pos Doc (2019) from the Institute of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP). Associate Professor at the Architecture and Urbanism and Design Department from Federal University of Ceará (DAUD-UFC) and at Pos Graduate Program in Architecture and Urbanism and Design from UFC - PPGAU+D-UFC. Member of the LoCAU (Laboratory of Critics in Architecture, Urbanism and Urbanization) of the DAUD-UFC and member of CILITUR (Coastal Cities and Tourism) of the MDU-UFPE.

Arquitecta y Urbanista por la Universidad Federal de Ceará (1978), Máster (2005) y Doctor (2012) en Arquitectura y Urbanismo por la FAUUSP. Realizó una beca postdoctoral (2019) en la FAUUSP. Es profesora asociada del Curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Ceará y del Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo y Diseño de la UFC - PPGAU+D-UFC. Miembro del LoCAU (Laboratorio de Crítica en Arquitectura, Urbanismo y Urbanización) del DAUD-UFC y del CILITUR (Ciudades Costeras y Turismo) del MDU-UFPE, registrado en el CNPq.

bhdiogenes@ufc.br

Resumo

O objetivo do presente artigo é investigar a produção de hotéis projetados por Paulo Casé ao longo da década de 1970, enfatizando o valor cultural desses edifícios em um panorama de modernização suscitado pelas políticas públicas de turismo, bem como compreender como a atuação do arquiteto revela transformações no contexto da arquitetura moderna no Brasil. Os pressupostos teóricos compreendem: o debate sobre o discurso desenvolvimentista pelo viés do turismo, identificando as condicionantes sociais (econômicas, políticas e simbólicas) e enfatizando as políticas públicas de incentivo ao turismo e à hotelaria com o advento da Embratur a partir de 1966 e à expansão das redes hoteleiras nacionais e internacionais, além da consideração dos agentes, inclusive o papel do próprio arquiteto; a discussão sobre as mutações no desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira, enfocando a atitude crítica (trans)moderna de Casé. Os procedimentos metodológicos se alicerçam em levantamento historiográfico, consulta a jornais e fontes primárias do acervo do arquiteto, analisando os hotéis em geral e enfatizando o caso do Bahia Othon Palace Hotel (1973), em Salvador, Bahia. O trabalho almeja contribuir para o resgate da produção dos hotéis mais emblemáticos de Paulo Casé, realçando ainda a condição atual desse acervo face às dinâmicas urbanas e turísticas na atualidade quando se verifica um processo de desvalorização, degradação e, inclusive, demolição de exemplares significativos. Por fim, os resultados constituem subsídios para produção de conhecimento sobre a relação entre turismo, arquitetura moderna e meios de hospedagem, numa perspectiva em que a documentação é premissa fundamental para conservação desses hotéis de inegável valor cultural para a memória da atividade turística, da arquitetura e do arquiteto.

Palavras-chave: Turismo. Arquitetura moderna. Hotel. Paulo Casé.

Abstract

The objective of this paper is to investigate the production of hotels designed by Paulo Casé throughout the 1970s, emphasizing the cultural value of these buildings in a panorama of modernization raised by tourism public policies, as well as to understand how the architect's performance reveals transformations in the context of modern architecture in Brazil. The theoretical assumptions include: the debate about the development discourse through tourism, identifying the social conditions (economic, political and symbolic), emphasizing the public policies to encourage tourism and hospitality with the advent of Embratur from 1966 and the expansion of national and international hotel chains, as well as the consideration of agents, including the role of the architect Casé; the discussion about the mutations in the development of Brazilian modern architecture, focusing on the critical (trans)modern attitude of Casé. The methodological procedures are based on a historiographical survey, newspapers and primary sources from the architect's collection, analyzing hotels in general and emphasizing the case of the Bahia Othon Palace Hotel (1973), in Salvador, Bahia. The work aims to contribute to the rescue of the production of Paulo Casé's most emblematic hotels, highlighting also the current condition of this collection in face of the urban and tourist dynamics nowadays, where there is a process of devaluation, degradation, and even demolition of significant examples. Finally, the results are subsidies for the production of knowledge about the relationship between tourism, modern architecture and lodging facilities, in a perspective in which documentation is a fundamental premise for the conservation of these hotels of cultural value for the memory of tourism, architecture and the architect himself.

Keywords: Tourism. Modern Architecture. Hotel. Paulo Casé.

Resumen

El objetivo de este artículo es investigar la producción de los hoteles diseñados por Paulo Casé a lo largo de la década de 1970, destacando el valor cultural de estos edificios en un panorama de modernización planteado por las políticas públicas de turismo, así como comprender cómo la actuación del arquitecto revela las transformaciones en el contexto de la arquitectura moderna en Brasil. Los supuestos teóricos incluyen: el debate sobre el discurso del desarrollo a través del turismo, identificando las condiciones sociales (económicas, políticas y simbólicas), haciendo hincapié en las políticas públicas de fomento del turismo y la hostelería con la llegada de Embratur a partir de 1966 y la expansión de las cadenas hoteleras nacionales e internacionales, y la consideración de los agentes, incluyendo el papel del arquitecto; la discusión sobre las mutaciones en el desarrollo de la arquitectura moderna brasileña, centrándose en la actitud crítica de Casé (trans)moderna. Los procedimientos metodológicos se basan en un estudio historiográfico, periódicos y fuentes primarias de la colección del arquitecto, analizando los hoteles en general y haciendo hincapié en el caso del Hotel Bahia Othon Palace (1973), en Salvador, Bahía. El trabajo pretende contribuir al rescate de la producción de los hoteles más emblemáticos de Paulo Casé, destacando también la condición actual de esta colección frente a la dinámica urbana y turística de hoy, donde hay un proceso de devaluación, degradación e incluso demolición de ejemplos significativos. Finalmente, los resultados son subsidios para la producción de conocimiento sobre la relación entre el turismo, la arquitectura moderna y las instalaciones de alojamiento, en una perspectiva que considera la documentación una premisa fundamental para la conservación de este conjunto de valor cultural para la memoria de la actividad turística, la arquitectura y el arquitecto.

Palabras clave: Turismo. Arquitectura Moderna. Hotel. Paulo Casé.

Introdução

A obra do arquiteto Paulo Hamilton Casé (1931-2018) é indissociável do conjunto de projetos de importantes hotéis no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990. Dentre as diversas encomendas da firma Paulo Casé & Luiz Acioli – Arquitetos Associados¹, a tipologia hoteleira teve lugar privilegiado na trajetória profissional do arquiteto titular do escritório.

Filho de Ademar Casé (1902-1993) - pernambucano, um dos pioneiros no rádio no Brasil e parceiro de Assis Chateaubriand (1892-1968) -, Paulo Casé se diplomou em 1958 na então Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, num momento em que a arquitetura moderna brasileira alcançava grande prestígio internacional.

A formação de Casé ocorreu em um período em que coexistiam na Faculdade valores conservadores relacionados ao academicismo, com a presença de professores catedráticos como Archimedes Memória (1893-1960) e as ideias modernas plantadas ainda no início da década de 1930, por ocasião da tentativa de reforma da Escola Nacional de Belas Artes empreendida por Lúcio Costa (1902-1998). Segundo Regina Zappa (2011), com base no relato do arquiteto, a Universidade contribuiu bastante para o seu conhecimento acerca das técnicas e materiais de construção, mas para aquisição da sua visão sobre a arquitetura de então, cooperou de forma decisiva a participação em um grupo de estudos² e as visitas a obras e diálogos com arquitetos eloquentes na década de 1950, como Oscar Niemeyer (1907-2012), Sérgio Bernardes (1919-2002), Afonso Eduardo Reidy (1909-1964), entre outros, constituindo uma espécie de formação paralela.

A dissociação entre o corpo docente e o discente, segundo Casé, era, portanto, total. Os últimos não admitiam o moderno, fosse por desinteresse, acomodação ou conservadorismo, e os primeiros buscavam Le Corbusier e Frank Lloyd Wright, que a eles chegavam em francês e em inglês, respectivamente, numa linguagem, de acordo com o arquiteto, por vezes de difícil interpretação (MACHADO, 2009, p. 120).

Em 1964 ele iniciou a carreira de professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UFRJ, já transferida em 1961 da Praia Vermelha para o edifício projetado por Jorge Moreira, no Fundão, tendo ministrado a disciplina de Grandes Composições, atividade que desempenhou até 1969 (BARBOSA, 2012). Juntamente com arquitetos de formação moderna, como Acácio Gil Borsoi (1924-2009), Severiano Mario Porto (1930-2020), João Filgueiras Lima (1932-2014), Luiz Paulo Conde (1934-2015), Edison Musa (1934), entre outros, Casé faz parte de uma segunda geração de arquitetos brasileiros formados no Rio (cariocas e de outros estados) de significativa expressão, tanto pela atuação e abrangência territorial do conjunto da obra, como pela influência que seus projetos exerceram no cenário nacional.

Entre as diversas funções que desempenhou, Casé foi Presidente do Instituto de Arquitetos – Seção da Guanabara (1970-1971) e representou o Brasil na Bienal Internacional de Paris em 1967, com o projeto da Casa Redonda em Itaipava. Essa obra expressava a sua influência em relação ao organicismo preconizado por Frank Lloyd Wright que, à época, se destacava no debate arquitetônico como um contraponto ao racionalismo identificado com o *International Style*.

1 Muitos projetos contaram com a coautoria do arquiteto Luiz Antônio Rangel.

2 Faziam parte do grupo: Paulo Casé, Arthur Lício Pontual (1935-1972) e Edison Musa (1934).

O início da atuação projetual de Casé³ esteve vinculado, em grande medida, à Construtora Sisal, onde trabalhou por dezesseis anos, desde quando entrou na empresa como estagiário. A firma, que também era uma imobiliária, foi responsável pela incorporação e construção de importantes edifícios habitacionais, comerciais e hoteleiros concebidos pelo arquiteto. Destacam-se os emblemáticos conjuntos de edifícios residenciais "Estrelas": Estrela do Mar (1958), Estrela de Ouro (1959), Estrela de Ipanema (1967), Estrela da Lagoa (1970), todos na cidade do Rio de Janeiro.

A produção do arquiteto relacionada ao programa arquitetônico hoteleiro se iniciou em 1966, com o projeto para o Hotel Porto do Sino⁴, em Jurujuba, Niterói, Rio de Janeiro (Figura 1), premiado à época na categoria B2 – Habitação Coletiva pelo Departamento da Guanabara do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-GB)⁵. Esse projeto expressava, em certa medida, a maneira transgressora de Casé, conforme pode ser admitido pelo parecer da comissão julgadora.

O júri salienta nesse projeto o acentuado espírito de criação, com excelentes resultados de unidade formal e riqueza plástica, e reconhece ainda a validade de tentativa do arquiteto, que, fugindo de soluções mais convencionais, conseguiu a integração entre o projeto, o terreno e a paisagem (BRITTO, 2011, p. 62).

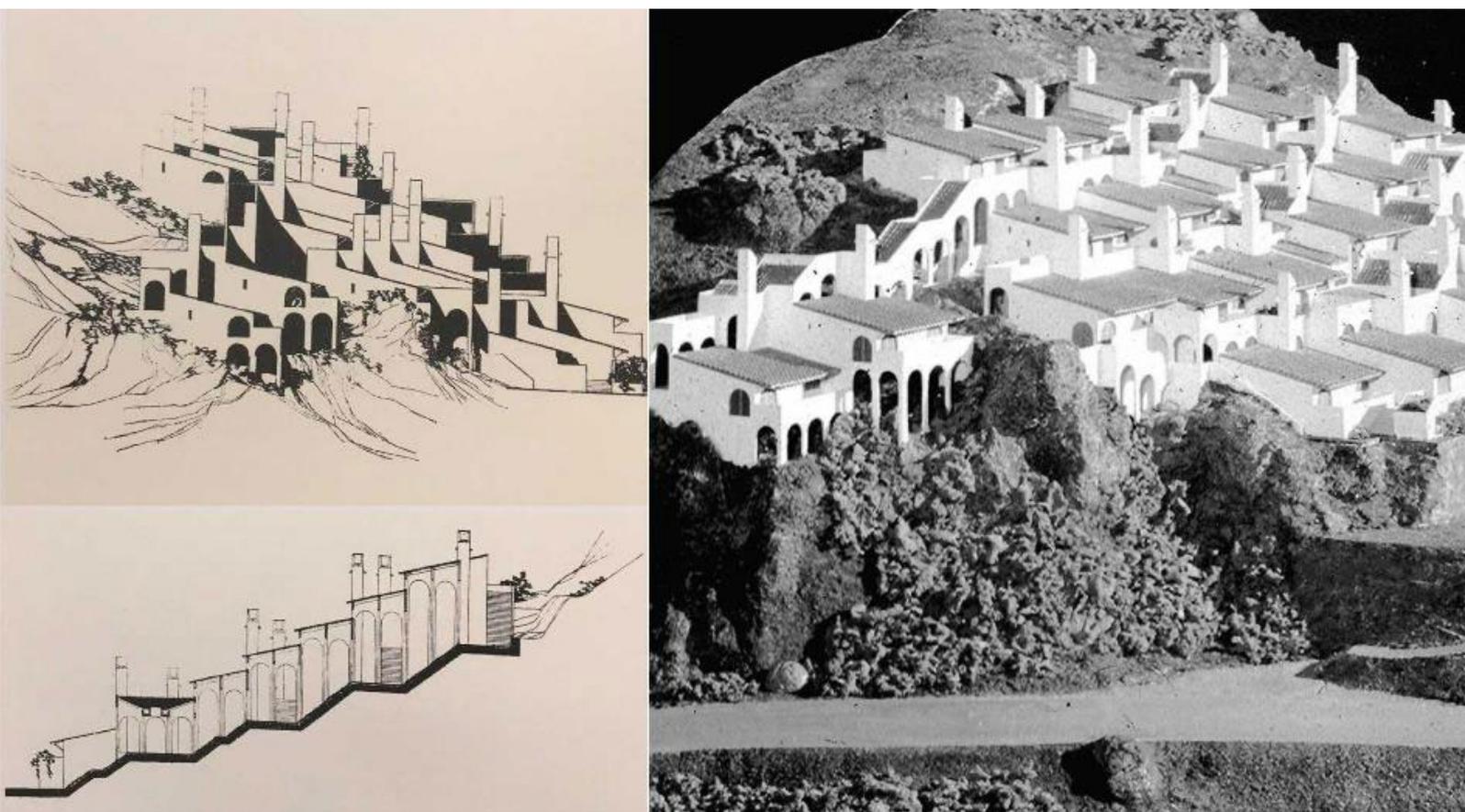


FIGURA 1 – Desenhos e Maquetes do Hotel Porto do Sino (1966), em Jurujuba, Niterói, Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo Escritório Paulo Casé.

3 O arquiteto atuou como crítico de arquitetura em um veículo de comunicação não especializado: o Jornal do Brasil.

4 O projeto foi publicado na Revista do Instituto de Arquitetos do Brasil chamada Arquitetura, no número 56, de fevereiro de 1967

5 Ainda que não tenha sido executado recebeu menção honrosa na Bienal Internacional de Arquitetos do Brasil em Belo Horizonte em 1968. Foi premiado também na categoria H1, tendo obtido uma menção honrosa pela Residência Arnaldo Wright em 1965, pelo IAB-GB.

Na década de 1970, o arquiteto realizou importantes projetos de hotéis em várias cidades brasileiras, destacando-se: o Bahia Othon Palace Hotel (1973) e o Hotel Le Méridien Bahia (1975), ambos em Salvador; o Le Méridien Copacabana (1973) no Rio de Janeiro; o Hotel Esplanada (1973-1978), em Fortaleza, demolido em 2014; o Hotel Porto do Sol (1975), em Guarapari-ES e o Porto do Sol (1978) em Vitória, além do Termas Hotel de Mossoró (1979), entre outros⁶. Muitos desses hotéis são representações e expressões da atitude crítica do arquiteto em relação ao modernismo, assimilando e ao mesmo tempo transformando os seus pressupostos, em um momento de significativo incentivo ao turismo no Brasil. Esse conjunto de hotéis - demolidos, abandonados e alguns ainda em uso - é um importante testemunho da memória da diversidade da arquitetura moderna e do turismo no país.

Assim, os principais questionamentos desse trabalho se direcionam para compreender: como as políticas públicas de turismo se relacionam dialeticamente com a construção de hotéis no Brasil na década de 1970? Qual o valor cultural desses hotéis no processo de modernização pelo viés do turismo? Como os hotéis mais emblemáticos concebidos pelo arquiteto expressam transformações na cultura arquitetônica moderna? Qual a condição atual deste acervo face às dinâmicas urbanas e turísticas contemporâneas?

Isto posto, o objetivo do artigo é investigar a produção arquitetônica de Paulo Casé associada à arquitetura hoteleira ao longo da década de 1970, enfatizando o valor cultural desses edifícios em um panorama de modernização suscitado pelas políticas públicas de turismo, bem como compreender como a sua atuação revela transformações no contexto da arquitetura moderna no Brasil.

O aporte teórico se sustenta na compreensão do discurso desenvolvimentista pelo viés do turismo, a fim de entender as condicionantes mais gerais e específicas do fenômeno relacionado à construção de hotéis no país, sobretudo na década de 1970, tanto em relação ao incremento das políticas de incentivo à hotelaria com o advento da Embratur a partir de 1966, como também no que concerne à expansão das redes hoteleiras nacionais e internacionais. Ainda nesse âmbito, cabe discutir as manifestações e metamorfoses verificadas nesses hotéis ditos (trans)modernos, enfatizando o caso do Bahia Othon Palace Hotel.

O termo (trans)moderno neste trabalho é empregado como um argumento conceitual para qualificar os hotéis produzidos por Casé nos anos de 1970, considerando-os como expressão da postura do arquiteto em relação aos valores do modernismo, adotando ao mesmo tempo características de apropriação e transgressão, mas também como sintoma das transformações verificadas no modernismo face à dinâmica intrínseca do conceito de modernidade. O emprego do prefixo “trans” se presta, portanto, para reforçar transformações, transgressões e transmutações, no termos sugeridos por Novak (2000) para adjetivar a arquitetura transmoderna, muito embora ele os utilize para descrever os efeitos contemporâneos da tecnologia na arquitetura.

Ainda que o debate sobre o pós-modernismo, como expressão cultural da pós-modernidade, se inicie na década de 1970, verifica-se à época, no Brasil, em razão do isolamento e do escasso diálogo cultural - próprio de um regime autoritário - um retardo e rarefeita assimilação das tendências teóricas e práticas do pós-modernismo arquitetônico, seja como ruptura ou como continuidade quanto à tradição moderna.

Diante do exposto, optou-se por não associar a produção de Casé nesses anos ao pós-moderno, uma vez que esses hotéis se inserem em um contexto de hegemonia da arquitetura moderna no país, onde “canonizava-se e burocratizava-se uma postura

⁶ Paulo Casé projetou na década de 1980 o Hotel Hilton Belém. Na década de 1990, concebeu o Hotel Caesar Park Cabo de Santo Agostinho, na praia de Tatuoaca, litoral sul de Pernambuco e o Hotel Marriot, no Rio de Janeiro, entre outros.

arquitetônica” (SEGAWA, 1998, p.190). A atuação de Casé, quase como uma raridade, expressa, como o próprio prefixo “trans” sugere, indicativos de uma transição, indícios de um deslocamento e uma mutação da condição moderna para a pós-moderna. Assim sendo, esses chamados hotéis trans(modernos) de Casé exprimem uma forma híbrida, transitória e não binária na arquitetura brasileira.

Por fim, pretende-se, com base em um levantamento historiográfico, consulta a jornais e fontes primárias do acervo do arquiteto, contribuir para resgatar a produção dos hotéis mais emblemáticos de Paulo Casé, destacando ainda a condição de preservação e conservação desse acervo face às dinâmicas urbanas e turísticas na atualidade.

A Embratur e a construção de hotéis no Brasil

Os hotéis concebidos por Paulo Casé na década de 1970 foram construídos em condições nacionais e internacionais favoráveis ao desenvolvimento do turismo e, conseqüentemente, da hotelaria. Para Cruz (2000), as ações para o incremento da atividade turística no Brasil podem ser compreendidas em três períodos: o primeiro de 1938 até 1966, marcado por ações pontuais e relacionado ao Decreto-lei 406/1938 no período do Estado Novo; o segundo, de 1966 a 1991, que teve como ponto de inflexão a criação da Embratur e a consideração do turismo como atividade econômica de relevância no projeto desenvolvimentista e; o terceiro, a partir de 1991, com a Lei 8181/1991, que reestruturou a Embratur e deu início à era Prodetur.

No segundo período, a política específica voltada para o turismo no Brasil tem como marco o Decreto-Lei n. 55, de 18/11/1966, à época da Ditadura Militar, no governo do Presidente Castelo Branco. O instrumento legal instituiu a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e o Conselho Nacional de Turismo (CNTur). Assim, a criação da Embratur foi um estímulo estatal para o desenvolvimento do turismo no Brasil num cenário em que a industrialização tinha primazia. As ações do órgão eram variadas e redundaram em impactos importantes na hotelaria existente e na construção de novos meios de hospedagem. As primeiras medidas do órgão foram:

Isenção do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) para restaurantes e casas noturnas do Rio de Janeiro; Isenção de impostos para o setor hoteleiro, como forma de estímulo à modernização dos hotéis; Realização, em 1967, do I Encontro Nacional de Turismo, com a participação de ministros, governadores, presidentes de entidades e empresas do setor; Criação do Programa Turismo, que estabelece previsões e proposições para o parque hoteleiro do País, mercado nacional de férias, zonas balneárias, estâncias hidrominerais e termais, além de reservas e parques nacionais; Aprovação da construção de hotéis de padrão internacional em vários locais turísticos do País, como Sheraton, no Rio de Janeiro, Tropical, em Manaus, e Hilton, em São Paulo. (EMBRATUR, 2016. p. 29).

A concessão de incentivos fiscais e financeiros (mimetizando o caráter desenvolvimentista das políticas industriais), por meio de agências de desenvolvimento e financiamento, favoreceu sobremaneira a construção de hotéis em todo o Brasil. A consideração do turismo como uma “indústria” emergente ficava evidente no Decreto 55/1966, no Art. 23.

A construção, ampliação ou reforma de hotéis, obras e serviços específicos de finalidades turísticas constituindo atividades econômicas de interesse (sic) nacional, desde que aprovadas pelo Conselho Nacional de Turismo, ficam equiparadas à instalação e ampliação de indústrias básicas e, assim, incluídas no item IV do artigo 25 da lei nº 2.973, de 26 de novembro de 1956.

Na década de 1970, outras leis viabilizaram os incentivos fiscais e financeiros, como o Decreto-Lei n. 1.191/71, que criou o Fundo Geral de Turismo (Fungetur) e o Decreto-Lei n. 1.376/74, que estabeleceu o Fundo de Investimento do Nordeste (Finor). A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) foram também aparatos estatais importantes para o incremento da atividade turística e da hoteleira, além de funcionarem como instrumentos da política de integração nacional e mitigação das desigualdades regionais no território pelo viés do turismo. Os incentivos fiscais estabelecidos pela Embratur variavam de 8% a 50% na isenção de dedução de imposto de renda para as empresas e, no Norte e no Nordeste, chegavam ao teto da percentagem estabelecida por lei.

A política nacional de turismo suscitou ainda a criação de órgãos e secretarias municipais e estaduais de turismo⁷, como forma de articular as ações do Estado e funcionar como uma espécie de agente junto ao setor privado, sobretudo em relação ao setor hoteleiro e às agências de viagens.

Este período corresponde também ao surgimento e/ou consolidação de cadeias de hotéis nacionais, como a Companhia Tropical de Hotéis, subsidiária da Varig, o Grupo Othon Palace e a Rede Eldorado, entre outras. Some-se a isto, um maior incremento nas infraestruturas de transporte aeroviário e rodoviário, acompanhado pelo crescimento da aviação comercial e pela construção de aeroportos, como também a hegemonia do uso do carro, face aos investimentos na indústria automobilística do país desde a segunda metade da década de 1950.

Destaca-se ainda, a partir da década de 1970, a penetração no Brasil de grandes redes hoteleiras internacionais, como a cadeia de hotéis Hilton (subsidiária da TWA), Le Méridien (subsidiária da Air France), Sheraton e Intercontinental⁸. Estas mudanças induziram a construção de diversos hotéis, que atendiam simultaneamente aos fluxos turísticos e de negócios, potencializados por uma maior penetração de multinacionais no país.

No período do chamado “milagre econômico”, houve um aumento significativo na construção de hotéis no país: “57 projetos de novos hotéis são aprovados entre 1972 e 1973, totalizando 4.620 unidades (quartos para hospedagem), o que representa a criação de 20 mil empregos” (Embratur, 2016, p.42). Para Araújo (2012, p. 149), entre 1967 e 1987, o “número de hotéis passou de 164 para 1.980 hotéis classificados, e 70% desses foram construídos mediante os incentivos fiscais ou financeiros”.

Paulo Casé: um arquiteto de hotéis

No início da década de 1970, o arquiteto Paulo Casé começou a ganhar notoriedade como um especialista em projetos de hotéis de grande porte, de elevada complexidade programática e destinados a grandes cadeias hoteleiras nacionais e internacionais.

⁷ Como exemplos: Empresa de Turismo da Bahia S.A. (Bahiatursa) criada em 1968; Empresa Cearense de Turismo S.A. (EMCETUR), criada em 1971 e; a nível municipal, a Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. (Riotur), criada em 1972.

⁸ Nesse cenário, cabe sublinhar a atuação do Arquiteto Henrique Mindlin, que projetou o Hotel Sheraton (1968), construído na Avenida Niemeyer próximo à Gávea, bem como no Hotel Intercontinental (1971), na Praia de São Conrado

Não por acaso, diversas revistas especializadas na década de 1970⁹ e 1980¹⁰, além da imprensa voltada ao grande público, como o *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, entre outros, passaram a publicar conteúdos sobre o tema, destacando a importância do escritório de Casé.

Em matéria intitulada “Arquitetos começam a se especializar em arquitetura hoteleira” no *Jornal do Brasil* de 22 de março de 1973, Casé declarou que “a especialização em arquitetura não representa senão um dos instrumentos necessários para se criar os espaços, meta da arquitetura e resultado das necessidades do apelo” (ARQUITETOS COMEÇAM A SE ESPECIALIZAR EM ARQUITETURA HOTELEIRA, 1973, p. 4). Em outra passagem, Casé revela grande modéstia ao se referir à especialização: “devido ao mercado tão reduzido, [...], seria um esnobismo se fazer um escritório dirigido a um determinado programa” (id *ibidem*).

Entretanto, essa especialização pode ser compreendida como uma maior profissionalização no processo de gerenciamento do projeto do hotel como um empreendimento de grande complexidade programática e funcional. O escritório passou a prestar serviços de forma mais abrangente aos clientes, por meio da coordenação geral do processo e do produto, incluindo desde os estudos de viabilidade econômica, o suporte no atendimento à legislação e fiscalização, a articulação com projetos complementares e com a arquitetura de interiores, envolvendo inclusive a concepção e a instalação do mobiliário, da decoração, além do paisagismo.

Ainda que o contato com as experiências e as inovações técnicas dos hotéis internacionais tenham sido relevantes para Casé, ele advogava a necessidade de adaptação à realidade brasileira: “[...] aproveitando esse conjunto de conhecimentos que existem na tecnologia hoteleira, e colocando-os a serviço do hóspede brasileiro, integrado ao espaço brasileiro”. (ZEIN, 1983, p. 2).

Verifica-se que os hotéis concebidos por Casé na década de 1970 possuíam uma linguagem arquitetônica vinculada à tradição da arquitetura moderna brasileira, mas com uma atitude mais crítica, pragmática e simbólica. Ele mesmo admitia que a linguagem - sem se referir ao modernismo - de alguns hotéis era a mesma, embora existissem mudanças nos programas.

Em várias entrevistas de Casé, sua postura perante o modernismo arquitetônico brasileiro é de muita deferência, mas com ressalvas e críticas, ao ponto de se considerar como um dos primeiros a ter uma postura “pós-moderna”: “descobri que fui pós-moderno desde 1964, mas no sentido correto do termo, como movimento crítico do moderno” (MOURA; SERAPIÃO, 2003, p. 3).

Os hotéis de Casé foram um campo importante para as suas experimentações projetuais e de alguns apelos formais, facilitados de certo modo por se tratar de uma tipologia representativa dos espaços de consumo, comércio e lazer, programas historicamente alijados pela historiografia da arquitetura moderna.

9 Prédio em Y traz o sol para dentro; projeto de Paulo H. Casé Luiz Acioli e L. A. Rangel. *Projeto e Construção* (23): 32-5, out. 1972; No Jardim Oceania, o Ondina Praia Hotel; projeto de Paulo Casé e Luiz Acioli, arqs. *Projeto e Construção* (28): 35-7, mar. 1973; Hotéis de nível internacional com tecnologia brasileira; projeto de Paulo Casé, Luiz Acioli e L. A. Rangel. *Arquitetos Associados Ltda. A Construção em São Paulo* (1391): 13-6, 7-10-1974; Hotel Termas de Mossoró, RN; projeto de Paulo H. Casé, Luis Acioli e L. A. Rangel. arqs. *Projeto* 113: 30•1, jun./jul. 1979.

10 Na década de 1980 ainda foram publicados projetos do arquiteto e uma síntese da produção hotéis. Bahia Othon Palace Hotel, Salvador, BA; projeto de Paulo H. Casé, Luiz Acioli e L. A. Rangel, arqs. *AB Arquitetura do Brasil* (12); 60-3, 1981; O novo Copa; projeto de Paulo H. Casé, Luiz Acioli e L. A. Rangel, arqs. *Projeto* (26): 14-5, jan. 1981; Vários hotéis; projetos de Paulo H. Casé, Luiz Acioli e L. A. Rangel, arqs. *AB Arquitetura Brasileira* (10): 39-48, 1977/1978. (ed. 1981) *Hotéis* / Editores: Vicente Wissenbach, Vivaldo Tsukumo. São Paulo: Projeto, 1987.

À época, o hotel se afirmava cada vez mais como um produto imobiliário. O esquema de negócios dos hotéis no Brasil se dava por meio da venda de quartos (ações), mas Casé considerava que não se tratava de um empreendimento primordialmente para fins de venda, mas muito mais para prestação de serviços.

Muitos desses hotéis ganharam destaque na imprensa por meio de propagandas, afim de captar investidores. As políticas da Embratur possuíam com meta conceder, para pessoas jurídicas, dedução de no mínimo 8% do imposto a ser pago ao governo. Esses incentivos fiscais eram captados geralmente por um “pool” de bancos. No caso do Le Méridien Copacabana (Figura 2), o Banco Nacional Brasileiro e Metropolitano de Investimentos S.A, apresentando como garantia a Sisal Rio Hotéis Turismo S.A., empresa do Grupo Sisal, em associação ao *Hambros Bank e Banque Nationale de Paris* (MÉRIDIEN COPACAPANA, 1973, p. 5).



FIGURA 2 – Le Méridien Copacabana (1973), Copacabana, Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo Escritório Paulo Casé

A preocupação de Casé com as especificidades urbanas e o lugar era evidente, tanto nos hotéis projetados em grandes capitais, como em Salvador (Bahia Othon Palace Hotel, 1973 e o Hotel Le Méridien Bahia - 1975) (Figura 3), no Rio (Le Méridien Copacabana - 1973), em Vitória (Hotel Porto do Sol - 1979-1980) (CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA, 1987) e em Fortaleza (Hotel Esplanada - 1973-1978) (Figura 4), notadamente com características mais cosmopolitas, traduzidas na complexidade programática e na verticalidade; como em cidades menores, como é o caso de Guarapari-ES (Hotel Porto do Sol - 1975) e Mossoró-RN (Termas Hotel de Mossoró - 1979), em que se verificava a utilização de um partido mais integrado à escala e aos recursos materiais e humanos disponíveis.



FIGURA 3 – Le Méridien Bahia (1975), Salvador, Bahia

Fonte: Acervo Escritório Paulo Casé



FIGURA 4 – Fotos do Hotel Esplanada (1973-1978), Fortaleza, Ceará – Destaque para a primeira foto do edifício em construção, com placas indicando o financiamento da Sudene e Embratur, além da construção pela Sisal.

Fonte: Acervo dos autores

Em depoimento publicado em um número especial sobre hotéis do Cadernos Brasileiros de Arquitetura (1987), organizado por Vicente Wissenbach e Adail Rodrigues da Motta, Paulo Casé preconizava princípios norteadores tanto para os projetos urbanos, como “rurais”, a saber: o atendimento às especificidades do programa, buscando responder às demandas do cliente, dos hóspedes, mas também adequando-o ao tipo de hotel; a preocupação com o lugar e o contexto e, especificamente, o terreno e a sua localização; e o apropriado uso das tecnologias e materiais construtivos em razão das condicionantes dos dois primeiros princípios.

Esses aspectos conceituais propostos por Casé e a maneira como ele os materializa revelam uma postura crítica em relação ao programa, ao lugar, à construção e evidentemente, à forma. Ao comparar o Hotel Porto do Sol de Vitória e o Porto do Sol de Guarapari, Casé afirma que:

A despeito de termos utilizado o mesmo apoio conceitual para a implantação das duas edificações em seus meios específicos (sustentação teórica que a priori impõe uma expressão simbólica própria para cada caso), seu relacionamento com realidades ambientais diferentes – uma de característica rural, outra urbana -, correspondência sempre relevante, tanto impôs a eleição dos respectivos processos construtivos – alvenaria de tijolo, pré-moldados de concreto e estrutura de concreto armado - , como apontou as condições adequadas para a integração da obra ao seu entorno (CADERNOS BRASILEIRO DE ARQUITETURA, 1987, p. 75).

Portanto, infere-se que Casé preocupava-se com as preexistências ambientais e com o lugar, buscando adequar a linguagem e as técnicas construtivas a essas realidades, promovendo atitudes mais contextualistas e transformações simbólicas na prática da arquitetura moderna.

Nos hotéis urbanos, valorizava partidos verticais em contextos de densidade e fluxos de ócio e negócio, valendo-se do concreto armado como elemento estrutural, mas também como expressão formal, sem, no entanto, conferir-lhe primazia. Inclusive, ele critica o uso “estilístico” do concreto ao afirmar que a utilização do material na arquitetura moderna brasileira “quando feita estereotipadamente na presunção de realizar uma arquitetura nacional, é lamentavelmente equivocada” (CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA, 1987, p. 75).

Isto posto, o uso do concreto aparente, explicitando os elementos estruturais e a modulação própria da tipologia hoteleira ratificam a permanência de valores da arquitetura moderna, mas não o suficiente para considerá-los brutalistas. Aliás, Casé rechaçava esses rótulos, ao se esquivar frequentemente de certos enquadramentos, muito embora CASTELLOTTI (2006) atribua essa condição brutalista a algumas obras de Casé, sem se referir aos hotéis.

Ele assegurava que o hotel urbano tinha que ser um prolongamento da rua, integrado ao meio ambiente, assim como seus serviços precisavam ser estendidos a um maior número de pessoas, e não só aos hóspedes. Essa integração seria possível por meio dos usos distintos incorporados ao programa do hotel, como as lojas, o open bar, boates, restaurantes, áreas de lazer, bem como os espaços destinados a eventos. A expressão material dessa atitude se revelava frequentemente na base da maioria dos hotéis projetados pelo arquiteto, criando e valorizando os espaços interiores da parte pública do empreendimento, traduzidos em pés-direitos generosos, na integração entre pavimentos e na presença de vazios.

Nos hotéis “não-urbanos”, recorreu à horizontalidade e a soluções mais próximas da tipologia residencial e das suas técnicas construtivas mais tradicionais, como o uso de alvenarias, telhados com estruturas de madeiras e telhas cerâmicas. Assim como no Porto do Sol de Guarapari (Figura 5), no projeto para o Hotel Termas de Mossoró (Figura 6 e 7) preconizava uma escala mais atenta às condições ambientais e culturais do lugar.

No caso de hotéis realizados no Rio Grande do Norte, entre os quais se destaca o Hotel Termas de Mossoró, [...] a grande preocupação dos arquitetos foi criar uma arquitetura adaptada o clima, em contato com a natureza, inclusive melhorando as condições de conforto térmico através do plantio de espécies locais de rápido crescimento, garantindo sombreamento e climatização natural, e aproveitando uma

fonte d'água natural a 47°C para as piscinas, que se tornaram ponto de atração de toda a região. Todo o projeto foi orientado no sentido de adaptação e exploração das condições adversas do clima, extremamente seco e quente, através de recursos naturais, ecológicos. (ZEIN, 1983, p. 3).

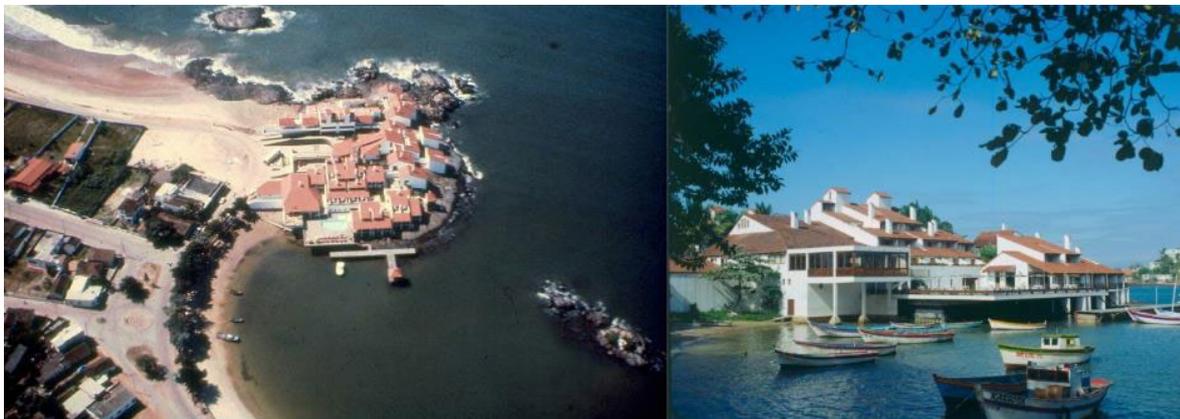


FIGURA 5 – Fotos do Hotel Porto do Sol (1975), Guarapari, Espírito Santo

Fonte: Acervo Escritório Paulo Casé

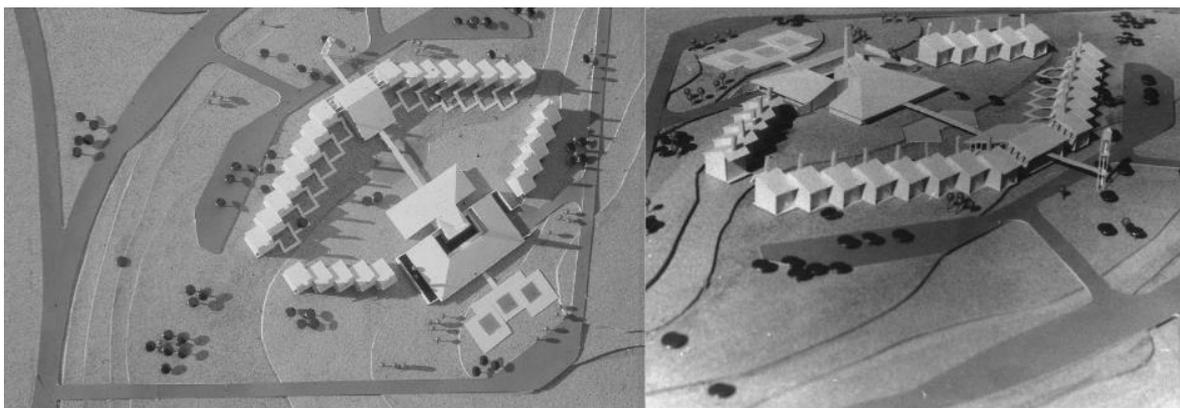


FIGURA 6 – Fotos Maquete do Hotel Termas de Mossoró (1979), Mossoró, Rio Grande do Norte

Fonte: Acervo Escritório Paulo Casé



FIGURA 7 – Foto do Hotel Termas de Mossoró (1979), Mossoró, Rio Grande do Norte

Fonte: Acervo dos autores

De modo geral, ainda que essas premissas em relação ao sítio estejam presentes no seu discurso, ao afirmar que evitava agressões à paisagem, verifica-se em alguns casos, sobretudo nos dois hotéis de Salvador e no de Guarapari, soluções de implantação em que os edifícios se situam muito próximos ao mar, favorecendo, inclusive uma relativa privatização dos usos e das visuais para praia. Se propostos atualmente, dificilmente atenderiam às exigências das legislações ambientais.

Diante do exposto, a obra de Paulo Casé concebida durante a década de 1970 tem como exemplos da sua atitude crítica em relação à arquitetura moderna brasileira a produção de importantes hotéis (trans)modernos, ou seja, edifícios hoteleiros que expressam simultaneamente assimilações e transformações no âmbito do modernismo arquitetônico, abrindo distintas possibilidades de interpretações e revisões historiográficas. Para o arquiteto, “existe toda uma tradição arquitetônica que deve ser reinterpretada na arquitetura moderna, cujos erros devem ser questionados” (CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA, 1987, p. 38). Como estudo de caso, segue uma breve reflexão sobre o caso do Bahia Othon Palace Hotel, que testemunha tanto as transformações suscitadas pelas políticas públicas da Embratur e a internacionalização da atividade turística, como as metamorfoses verificadas na arquitetura moderna no Brasil.

O Bahia Othon Palace Hotel: turismo, arquitetura e significado

Embora o Grupo Othon tenha atuado no ramo agroindustrial, têxtil e comércio varejista desde 1905, a princípio em Pernambuco e depois em São Paulo, somente em 1943 o Sr. Othon Lynch Bezerra de Mello (1880-1952) fundou a Companhia Brasileira de Novos Hotéis, conhecida posteriormente como Hotéis Othon (PINHEIRO, 2012).

Os primeiros hotéis da rede, que vieram a se transformar numas das principais cadeias de hotéis nacional, foram o Hotel Aeroporto Othon, inaugurado em 1944 no centro do Rio de Janeiro, nas proximidades do Aeroporto Santos Dumont; o Hotel São Paulo, implantado na Rua São Francisco, esquina como Largo Riachuelo em 1946, tendo sido projetado e construído pela firma Dacio A. de Moraes & Cia Ltda (REVISTA ACRÓPOLE, 1946) e o Othon Palace São Paulo, inaugurado em 1954, próximo ao Viaduto do Chá e projetado pelo arquiteto alemão Philipp Lohbauer (1906-1978).

Ao longo da década de 1950 e 1960, o grupo ampliou a sua rede no Rio de Janeiro, mas somente na década de 1970 houve um incremento na construção de hotéis de luxo, expandindo a rede para Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza e Maceió. O Rio Othon Palace Hotel¹¹, de 1968, foi emblemático na inauguração desse conjunto de hotéis mais sofisticados. O projeto foi escolhido em meio um concurso vencido pela Pontual Arquitetos, tendo o escritório de Paulo Casé participado do certame.

O *know-how* do escritório Paulo Casé, Luiz Acioly e L. A. Rangel Arquitetos Associados se consolidou em virtude da encomenda da rede Hotéis Othon S.A para o projeto do Bahia Othon Palace Hotel.

No caso específico de hotéis, antes de o projeto surgir, existe toda uma tarefa de levantamento de dados, pesquisa de programas, estudo dos objetivos a serem atingidos. Para o primeiro grande projeto, o do Bahia Othon Palace, foram realizadas

¹¹ O Hotel foi projetado pelos arquitetos Arthur Lício Pontual, Davino Pontual, Paulo de Souza Pires, Sérgio Porto e Flávio Ferreira e construído pela SISAL Engenharia.

várias viagens a países da América Central e do Norte que possuem hotéis localizados em semelhantes condições físicas e socioculturais. A análise do projeto, do ponto-de-vista técnico, foi feita por um arquiteto americano contratado pela cadeia Othon¹². (ARQUITETOS COMEÇAM A SE ESPECIALIZAR EM ARQUITETURA HOTELEIRA, 1973, p. 4).

Provavelmente, o contato firmado com o grupo foi facilitado pela Construtora Sisal, parceira antiga de Casé, que lhe conferiu visibilidade no mercado imobiliário do Rio. A empresa, por sua vez, foi contratada pela cadeia para construir o Leme Palace Hotel (1964) no Rio de Janeiro, de autoria dos arquitetos Vicente Gambardella, Salvador Ary Cornelio e Paulo Lemos (REVISTA ACRÓPOLE, 1964), bem como o supracitado Rio Othon Palace Hotel. Some-se a isso a notoriedade alcançada com o projeto do Méridien em Copacabana.

A assinatura do contrato para a construção do Bahia Othon Palace Hotel se deu em fins de dezembro de 1971 entre o Hotéis Othon S.A. e a Construtora Norberto Odebrecht S.A. Comércio e Indústria. O evento teve grande repercussão na imprensa nacional e anunciava-se como um grande empreendimento: 301 apartamentos, duas suítes presidenciais e treze suítes de luxo (BAHIA OTHON PALACE HOTEL, 1971).

O Hotel (Figura 8), implantado na Praia de Ondina, na orla de Salvador, teve sua pedra fundamental lançada em fevereiro de 1972 e contou inclusive com a presença do Presidente da Embratur à época, Paulo Manoel Potássio e do então Governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães, revelando a articulação coordenada entre o Estado, por meio de políticas públicas, incentivos fiscais e financeiros e o mercado. O projeto teve apoio da Embratur e da Sudene por intermédio dos seus programas de incentivo ao turismo e à hotelaria.



FIGURA 8 – Foto do Bahia Othon Palace Hotel (1973), Salvador, Bahia

Fonte: Acervo dos autores

¹² O projeto contou com a consultoria de William B. Tablet Architects de Nova York.

Na passagem da década de 1960 para 1970, a internacionalização do turismo no Brasil era evidente nos discursos desses agentes políticos, inclusive ao se referirem à presença de cadeias hoteleiras internacionais, como foi o caso do Hilton, Intercontinental e Le Meridien (OTHON LANÇA PEDRA, 1972).

A implantação do hotel se deu em sítio privilegiado, uma formação rochosa inclinada no limite do mar num local que forma uma pequena enseada. Os usos e acessos públicos do empreendimento buscavam se adequar a essas especificidades da topografia. O edifício é composto por uma base que abriga os usos sociais e de serviço e uma torre que se desenvolve em 12 pavimentos-tipo, com 24 apartamentos cada, em forma de “Y” afim de permitir as melhores visuais da paisagem da orla de Salvador. Aliás, na maioria dos hotéis de Casé, a marcação base, corpo e coroamento é recorrente.



FIGURA 9 – Foto do Bahia Othon Palace Hotel (1973), Salvador, Bahia

Fonte: Acervo dos autores

Em matéria no Jornal do Brasil, intitulada “Hotéis de Paulo Casé, espaços com significado”, há a menção na narrativa com relação aos arcos do Bahia Othon Palace Hotel como uma aproximação ao lugar, como uma referência simbólica aos arcos coloniais dos velhos sobrados de Salvador (Figura 10). Para o arquiteto: “Se o hotel está em Salvador, não pode ter uma forma arquitetônica que agrida a Bahia. O hóspede, mesmo dentro do hotel, deve sentir como é o lugar que visita. Um hotel não pode ser um corpo estranho numa cidade” (HOTÉIS DE PAULO CASÉ/ESPAÇOS COM SIGNIFICADO, 1973). Em outro depoimento, Casé revela outras “citações” simbólicas que são incorporadas ao projeto do hotel: “achava importante fazer referências às etapas históricas relacionadas à Bahia. Mas como traduzir essa tradição para a verticalidade de um hotel? Assim, pensei em conjugar elementos variados, como os arcos, os azulejos, as janelas de madeira entrelaçadas como rendas” (BRITTO, 2011, p. 88).



FIGURA 10 – Foto arcos do Bahia Othon Palace Hotel (1973), Salvador, Bahia

Fonte: Acervo dos autores

A atitude arquitetônica de Casé no projeto do Bahia Othon Palace Hotel expressa paradoxalmente a permanência de valores da arquitetura moderna, mas aponta, conscientemente, para a valorização de aspectos relativos ao significado na/da arquitetura, suscitando transformações no modernismo arquitetônico.

A morte dos hotéis de Casé: à guisa de conclusão.

A atitude (trans)moderna de Casé se converte em uma postura de fato alinhada às tendências da arquitetura pós-moderna desde o final da década de 1980. Essa virada do arquiteto fica mais visível a partir dos projetos do Caesar Tower Hotel em Recife (1990), da Confederação Nacional do Comércio (1997) em Brasília e do RIO Metropolitan (1994). Não se trata mais de uma maneira híbrida de referências modernas e certas transgressões, mas corresponde ao que ele denomina “o ciclo auto-crítico do movimento moderno” (ZAPPA; BRITTO; SEGRE, 2011, p. 136). Para Segre (2011, p. 197), “Casé se identificou com os conteúdos pluralistas da cultura pós-moderna e com a capacidade de integração das manifestações estéticas dessemelhantes – cultas e populares, cosmopolitas e regionais, históricas e utópicas”.

No caso dos edifícios hoteleiros, um completo distanciamento da postura arquitetônica do modernismo se verifica no caso do Marriot Hotel (2001) em Copacabana. É possível afirmar que a autonomia crítica de Casé em relação ao modernismo esteve sempre presente na sua trajetória e, no caso de projetos de hotéis, desde o Hotel Porto do Sino de 1966, em que há um alinhamento a uma mais perspectiva mais orgânica e contextualista.

Em síntese, os resultados aqui apresentados compreendem um breve inventário sobre os hotéis de autoria do arquiteto Paulo Casé produzidos especificamente na década de 1970, evidenciando não apenas os atributos arquitetônicos em transformação, mas contextualizando-os com as condicionantes econômicas, políticas, simbólicas e urbanas atreladas ao incremento da atividade turística, assim como o incentivo à construção de hotéis.

A relevância deste artigo se sustenta em alguns aspectos essenciais, como as escassas pesquisas específicas sobre a relação entre o turismo e a arquitetura moderna no Brasil, inclusive sobre a tipologia hoteleira, o papel dos arquitetos e a necessidade de discutir como as transformações e dinâmicas socioespaciais contemporâneas têm provocado e ameaçado, gradativamente e aceleradamente a manutenção e conservação deste importante legado, sendo o estudo destes hotéis (trans)modernos uma premissa para a sua preservação e inserção nas dinâmicas recentes do turismo.

Neste aspecto específico, verifica-se um processo em curso de ameaça aos edifícios, uma vez que o Hotel Esplanada (PAIVA; DIÓGENES, 2017), em Fortaleza, foi demolido em 2014 para dar lugar a uma torre residencial a ser construída com índice de aproveitamento quase três vezes maior que o permitido pela legislação, em função de um dispositivo legal intitulado “outorga onerosa”, que tem criado um novo ciclo de valorização imobiliária na capital cearense (PAIVA, 2017). Em Salvador, o Bahia Othon Palace Hotel, embora tenha uma implantação passível de questionamentos, encontra-se fechado e vulnerável aos diversos processos de degradação. O mesmo acontece com o antigo Hotel Le Méridien, também na capital baiana, atualmente desativado. Esses distintos processos são manifestações de variadas formas de “óbito” desses “entes arquitetônicos”. Para Luiz Amorim (2007, 162) o “óbito arquitetônico pode ser entendido como desaparecimento do corpo edificado em sua totalidade ou em suas partes”.

Como exemplo de permanência, o Le Méridien Copacabana adquirido desde 2017 pela cadeia Hilton, continua, pela potência do projeto, capaz de se adaptar às transformações verificadas nas dinâmicas do turismo sem perder a sua dignidade e os seus valores culturais e arquitetônicos intrínsecos.

A consciência do valor cultural e material desses hotéis (trans)modernos cria perspectivas de conservação e preservação, tanto por meio da manutenção de seus usos, como pela mudança de sua destinação, o que exige projetos de intervenção consistentes e comprometidos com o passado, o presente e o futuro e, como tal, constituem importantes agentes no processo de desenvolvimento urbano e turístico sustentáveis, ancorados na memória, na identidade, na preservação do patrimônio cultural edificado e na promoção da qualidade ambiental urbana.

Agradecimentos

À CAPES, que financiou a pesquisa de pós-doutorado “Turismo e arquitetura transatlântica: o hotel moderno no Brasil e em Portugal” e à Marcela Casé, neta de Paulo Casé, que cedeu imagens e informações sobre o acervo dos projetos de hotéis do arquiteto.

Referências

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. **Obituário arquitetônico. Pernambuco modernista**. Recife, Editora UFPE, 2007, p. 162.

ARAUJO, Cristina P. Da Embratur à Política Nacional de Turismo. **PÓS. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v. 31, p. 146-163, 2012.

ARQUITETOS COMEÇAM A SE ESPECIALIZAR EM ARQUITETURA HOTELEIRA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de março de 1973. Edição 331.

BAHIA OTHON PALACE HOTEL. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1971. Edição 226.

BARBOSA, Antônio A. **Entrevista com o arquiteto Paulo Casé**. Entrevista, São Paulo, ano 13, n. 049.02, Vitruvius, jan. 2012 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/13.049/4185>>.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 55**, 18 de novembro de 1966. Define a política nacional de turismo, cria o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo, e dá outras providências. Brasília, DF, 1966.

BRITTO, Alfredo. Paulo Casé: o permanente encontro com a arquitetura. In: ZAPPA, Regina; BRITTO, Alfredo; SEGRE, Roberto. **Paulo Casé. 80 anos: vida, obra, pensamento**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA. **Hotéis**, v. 19, São Paulo, Projetos Editores Associados Ltda., 1987.

CASTELLOTTI, Flavio Spilborghs. **Arquitetura moderna no Rio de Janeiro: a dimensão brutalista**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

CRUZ, Rita de C. A. da. **Política de turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

EMBRATUR. **Embratur 50 anos – uma trajetória do turismo no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2016.

HOTÉIS DE PAULO CASÉ/ESPAÇOS COM SIGNIFICADO. **Jornal do Brasil**, 13 de novembro de 1973. Edição 219. Caderno B.

MACHADO, Marise F. **Escritório Edison Musa, 1963-1983: Como trabalhava um escritório de arquitetura de grande porte no Rio de Janeiro pós-Brasília**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

MÉRIDIEN COPACAPANA. **Jornal do Brasil**, 27 de novembro de 1973. Edição 233. 1º Caderno.

MOURA, Éride; SERAPIÃO. Entrevista Paulo Casé. **Projeto Design**. v. 282. ago. 2003.

NOVAK, Marcos. **Transarquitecturas e transmoderno**. 2000. Disponível em <http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/brasmitte/portugues/novak_texto01.htm>. Acessado em: 21 abr. 2004.

OTHON LANÇA PEDRA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1972. Edição 272. Caderno de Turismo.

PAIVA, Ricardo A. **Ostentação e delito: ícones imobiliários em Fortaleza**. MINHA CIDADE, v. 17.203, p. 6583, 2017.

PAIVA, Ricardo; DIOGENES, Beatriz H. **Vida e morte do Hotel Esplanada, de Paulo Casé, em Fortaleza**. ARQ.URB, v. 1, p. 47-60, 2017.

PINHEIRO, João L. A. **Hotelaria - Um Estudo de caso da Rede Othon de Hotéis. Rio de Janeiro**: Fundação Getúlio Vargas, 2012. Dissertação (Mestrado em Administração). FGV, Rio de Janeiro, 2012.

REVISTA ACRÓPOLE. **Hotel no Rio de Janeiro**, v. 308, ano 26, jul, 1964, p. 38-41.

REVISTA ACRÓPOLE. **Hotel São Paulo**, v. 99, ano 9, jul, 1946, p. 67-74.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas No Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEGRE, Roberto. Paulo Casé: sociedade, cultura, arquitetura e cidade. In: ZAPPA, Regina; BRITTO, Alfredo; SEGRE, Roberto. **Paulo Casé. 80 anos: vida, obra, pensamento**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011

ZAPPA, Regina. Arquitetura de um homem: tempo, formas e afetos. In: ZAPPA, Regina; BRITTO, Alfredo; SEGRE, Roberto. **Paulo Casé. 80 anos: vida, obra, pensamento**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

ZAPPA, R; BRITTO, A ; SEGRE, R. **Paulo Casé. 80 anos: vida, obra, pensamento**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011, p. 190-212.

ZEIN, Ruth V. **Projeto de Hotéis: adequação entre arquitetura e economia de custos**. Revista Projeto, v. 49, março 1983.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 29/04/2022

Aprovado em 14/07/2022